

Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty

Terezinha Petrucia da Nóbrega
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Com base nos estudos da ciência da sua época, Merleau-Ponty interroga a respeito das análises sobre o sistema nervoso e os postulados clássicos sobre a condução do impulso elétrico, sobre o circuito reflexo, envolvendo estimulação e reação, sobre o campo perceptivo e sobre a questão da localização cerebral, sendo insuficiente a correspondência pontual, própria da tradição atomista, entre o excitante, o mapa cerebral e a reação. Essa revisão conduz a uma nova compreensão da percepção que se aproxima das ciências cognitivas contemporâneas. Este artigo, fruto de um estudo teórico sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty, tem como objetivo apresentar essa revisão conceitual sobre a percepção, o diálogo com a arte e a ciência, configurando noções e conceitos em torno de uma fenomenologia do conhecimento.

Palavras-chave: percepção; fenomenologia; corpo; conhecimento; ciência

Abstract

Body, perception and knowledge in Merleau-Ponty. Based on studies of the science of his time, Merleau-Ponty questions about the analysis on the nervous system and the classical postulates on the conduct of the electrical impulse, about the reflect circuit, involving stimulation and response, about the perceptual field and about the question of brain location, being insufficient to match point, like the atomist tradition use to defend, among the exciting, the brain map and the reaction. This review leads to a new understanding of perception that is closer to the contemporary cognitive science. This article, a result of theoretical study on the phenomenology of Merleau-Ponty, aims to present this review on the conceptual understanding, dialogue with the art and science, setting notions and concepts around a phenomenology of knowledge.

Keywords: perception; phenomenology; body; knowledge; science

Especialmente na obra *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1945/1994) apresenta uma crítica ampla e rigorosa à compreensão positivista da percepção por meio da revisão do conceito de sensação, sua relação com o corpo e com o movimento. A ciência, em sua versão positivista, considera a percepção como algo distinto da sensação, embora a relacione por meio da causalidade estímulo-resposta. Nesse sentido, a percepção é o ato pelo qual a consciência apreende um dado objeto, utilizando as sensações como instrumento.

Uma nova maneira de compreender a percepção é oferecida pela *Gestalt*. Segundo essa teoria, a percepção é compreendida através da noção de campo, não existindo sensações elementares, nem objetos isolados. Dessa forma, a percepção não é o conhecimento exaustivo e total do objeto, mas uma interpretação sempre provisória e incompleta.

A compreensão fenomenológica da percepção será construída com base no diálogo com a psicologia, em especial com a *Gestalt*, mas também com base no diálogo com a arte, sobretudo com a pintura moderna e os trabalhos de Cézanne, Matisse, entre outros. Em seu mais conhecido ensaio estético, Merleau-Ponty reflete sobre a pintura de Cézanne como configuração perceptiva cuja natureza problematiza as dicotomias entre percepção e

pensamento, entre a expressão e o que é expresso.

Cézanne reconhece nas sensações o paradoxo de sua pintura, assim como o sensível será um elemento fundamental para a compreensão da percepção na obra de Merleau-Ponty, notadamente sua manifestação na pintura, uma vez que a obra de arte possibilita a experiência da percepção de modo mais intenso e vibrante.

A compreensão fenomenológica tem influenciado vários estudos contemporâneos sobre a percepção e suas relações com o conhecimento, em especial os trabalhos dos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela. A revisão sobre o funcionamento do sistema nervoso advinda desses estudos confirma a concepção de Merleau-Ponty. Este artigo caracteriza-se como um estudo teórico, cujo objetivo é apresentar a concepção de Merleau-Ponty sobre a percepção, seu diálogo com a arte e com a ciência; bem como configurar relações entre corpo, percepção e conhecimento.

A percepção como atitude corpórea

Para compreender a percepção, a noção de sensação é fundamental. A sensação não é nem um estado ou uma qualidade, nem a consciência de um estado ou de uma qualidade, como

definiu o empirismo e o intelectualismo. As sensações são compreendidas em movimento: “A cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela e com determinada precisão” (Merleau-Ponty, 1945/1994, p. 284).

A percepção está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo.

Considerando-se que “das coisas ao pensamento das coisas, reduz-se a experiência” (Merleau-Ponty, 1945/1994, p. 497), é preciso enfatizar a experiência do corpo como campo criador de sentidos, isto porque a percepção não é uma representação mentalista, mas um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência.

A análise clássica da percepção distingue os dados sensíveis e a significação, ao passo que a análise fenomenológica nos permite ultrapassar as alternativas clássicas entre o empirismo e o intelectualismo, entre o automatismo e a consciência. Essa perspectiva apoia-se num ponto fundamental: o movimento. Para Merleau-Ponty, a percepção do corpo é confusa na imobilidade, pois lhe falta a intencionalidade do movimento.

Os movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais.

Esse conceito de percepção só é possível porque Merleau-Ponty rompe com a noção de corpo-objeto, *parte extra-partes* e com as noções clássicas de sensação e órgãos dos sentidos como receptores passivos. Nos capítulos sobre o mundo percebido em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty reforça a teoria da percepção fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente e, nessa experiência do corpo fenomenal, reconhece o espaço como expressivo e simbólico.

A teoria da percepção em Merleau-Ponty (1945/1994) também se refere ao campo da subjetividade e da historicidade, ao mundo dos objetos culturais, das relações sociais, do diálogo, das tensões, das contradições e do amor como amálgama das experiências afetivas. Sob o sujeito encarnado, correlacionamos o corpo, o tempo, o outro, a afetividade, o mundo da cultura e das relações sociais.

A experiência perceptiva é uma experiência corporal. De acordo com Merleau-Ponty (1945/1994) o movimento e o sentir são os elementos chaves da percepção, desse modo:

A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir (p. 308).

Desaprendemos a conviver com a realidade corpórea,

com a experiência dos sentidos, pois privilegiamos uma razão sem corpo. No entanto, a percepção, compreendida como um acontecimento da existência, pode resgatar este saber corpóreo.

Ao considerar a perspectiva neurofisiológica da percepção, Merleau-Ponty refletiu a respeito da organização do movimento, refletindo sobre a unidade dos processos *sensórios-motores* expressos na experiência corpórea e a reflexão sobre a circularidade característica desse processo. Para Merleau-Ponty (1945/1994), a abordagem fenomenológica da percepção identifica-se com os movimentos do corpo e redimensiona a compreensão de sujeito no processo de conhecimento. Nesse sentido, o filósofo afirma que:

Não é o sujeito epistemológico que efetua a síntese, é o corpo; quando sai de sua dispersão, se ordena, se dirige por todos os meios para um termo único de seu movimento, e quando, pelo fenômeno da sinergia, uma intenção única se concebe nele.

(p. 312)

Em *O Visível e o Invisível* (Merleau-Ponty, 1964/1992), obra inacabada, encontramos a concepção de percepção compreendida como ação do corpo:

Antes da ciência do corpo – que implica a relação com outrem –, a experiência de minha carne como ganga de minha percepção ensinou-me que a percepção não nasce em qualquer outro lugar, mas emerge no recesso de um corpo. (p. 21)

Relacionada ao corpo em movimento, a percepção remete às incertezas, ao indeterminado, delineando assim o processo de comunicação entre o dado e o evocado. A fé perceptiva é uma adesão ao mundo, à realidade tal como vemos. No entanto, a percepção exige o exame radical da nossa existência por meio do corpo e da imputação de sentidos. Merleau-Ponty (1964/1992) afirma que o sentido dos acontecimentos está na corporeidade e não em uma essência desencarnada, senão vejamos:

Não há mais essências acima de nós, objetos positivos, oferecidos a um olho espiritual. Há, porém, uma essência sob nós, nervura comum do significante e do significado, aderência e reversibilidade de um a outro, como as coisas visíveis são as dobras secretas de nossa carne e de nosso corpo. (p. 117)

Essa compreensão da percepção supera a causalidade positivista e a idéia de uma síntese conceitual dogmática. Na abertura das Conferências que pronunciou na Rádio Nacional Francesa, Merleau-Ponty (1948/2004) destaca que a exploração da pintura, da poesia, das imagens do cinema nos dá uma nova visão do tempo e do homem; bem como outras maneiras de perceber a ciência e a filosofia.

Na pintura de Matisse ou de Cézanne o mundo não está diante do artista por representação, mas como acontecimento febril, uma encruzilhada onde o chão, assim como as linhas, os contornos deslizam sob os nossos pés. Essa mesma atitude pode ser estendida ao conhecimento do corpo, da percepção e a recusa dos determinismos científicos, históricos, filosóficos ou de qualquer ordem. Recusa muito bem expressa na obra de Merleau-Ponty.

A percepção como sensibilidade estética

No ensaio *A dúvida de Cézanne*, Merleau-Ponty (1966/2004) destaca o inacabamento da obra do pintor, sua busca para escolher um novo modo de expressão em pintura e uma linguagem que questionasse as dicotomias, por exemplo, entre a sensação e o pensamento, a vida e a obra.

Para Merleau-Ponty (1966/2004), as conjecturas da vida de Cézanne não dão o sentido positivo de sua obra, não significam uma vida empobrecida ou uma pintura decadente como afirmaram Zola e Émile Bernard. “O que chamamos sua obra não era para ele, senão o ensaio e a aproximação de sua pintura” (p. 123). O sentido da obra não pode ser determinado por sua vida, nem mesmo reportando-nos às influências da história da arte sobre sua pintura. A vida não explica a arte, mas elas se comunicam. Essa obra por fazer exigia essa vida, por isso ele nunca parou de trabalhar, comenta Merleau-Ponty no ensaio citado.

Podemos estender esse princípio de inacabamento ao pensamento de Merleau-Ponty, não somente por sua morte prematura, pelos manuscritos deixados na mesa de trabalho, as notas de *O Visível e o Invisível*, mas, sobretudo, por sua atitude diante da filosofia, sua meditação sobre o corpo, sua recusa em instalar-se em um saber absoluto.

Segundo Becks-Malorny (2001), Cézanne destina para os últimos anos da sua vida uma nova tarefa, qual seja: criar, em uma paisagem conhecida, personagens saídos de sua imaginação, uma vez que não utiliza modelos para esses trabalhos. A recordação dos passeios de sua juventude pelos campos de *Aix*, a lembrança dos amigos, as horas passadas à beira do rio, resultam em óleos e aquarelas sobre o tema dos banhistas. Mas não se trata somente de nostalgia ou motivação pessoal; as razões são mais profundas, busca nas cores da natureza e em sua sensibilidade para percebê-las o tema de sua criação.

Ao observar a cor, o desenho, os contornos, as proporções do corpo, as distorções das formas, podemos compreender a tese segundo a qual os sentidos não produzem um decalque do mundo exterior. “Cézanne quer pintar a matéria em vias de se formar”, afirma Merleau-Ponty (1966/2004, p. 128). Esse princípio amplifica a compreensão de percepção apresentada por Merleau-Ponty e será fundamental em sua teoria de conhecimento sobre o corpo e sobre a percepção.

A sensibilidade estética é um desdobramento da análise perceptiva de Merleau-Ponty, considerando os aspectos do corpo, do movimento e do sensível como configuração da corporeidade e da percepção como criação e expressão da linguagem; considerando as referências feitas pelo filósofo às artes, especialmente à pintura, como possibilidade de se ampliar a linguagem, de aproximá-la da vida do homem e de seu corpo.

A obra de arte está colocada como campo de possibilidades para a experiência do sensível, não como pensamento de ver ou de sentir, mas como reflexão corporal. Merleau-Ponty (1960/1991) ilustra a reflexão corporal a partir da consideração da filmagem em câmara lenta do trabalho de Matisse:

Esse mesmo pincel que, visto a olho nu, saltava de um ato para outro, podia-se vê-lo meditar, num tempo dilatado e solene, numa iminência de começo do mundo, tentar dez movimentos possíveis, dançar diante da tela, roçá-la várias

vezes, e por fim abater-se como um raio sobre o único traçado necessário [...] Não considerou, com o olhar da mente, todos os gestos possíveis, e não precisou eliminá-los todos, exceto um, justificando-lhes a escolha. É a câmara lenta que enumera os possíveis. Matisse, instalado num tempo e numa visão de homem, olhou o conjunto aberto de sua tela começada e levou o pincel para o traçado que o chamava, para que o quadro fosse afinal o que estava em vias de se tornar [...]. Tudo se passou no mundo humano da percepção e do gesto. (p. 46)

A linguagem sensível configura possibilidades de outro arranjo para o conhecimento, expresso na dimensão estética. O logos estético exprime o universo da corporeidade, da sensibilidade, dos afetos, do ser humano em movimento no mundo, imerso na cultura e na história, criando e recriando, comunicando-se e expressando-se.

A comunicação exige a consideração do mundo sensível, tratando-se de um novo arranjo para o conhecimento, o logos estético, pois

a primeira fala não se estabeleceu num vazio de comunicação porque ela emergia das condutas que já eram comuns e se enraizava num mundo sensível que já havia cessado de ser mundo privado [...]. Esse mundo sensível é o logos do mundo estético. (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 65)

Sendo a primeira palavra gesto, afirma-se um novo sentido para o logos, realiza-se, desse modo, a leitura da dimensão poética e plástica do corpo em movimento e da percepção. Trata-se de uma nova possibilidade de leitura do real e da linguagem sensível, procedendo-se pela reversibilidade dos sentidos.

Nos cursos sobre a Natureza, Merleau-Ponty (2000) dedica um capítulo à estesiologia, a ciência dos sentidos, cuja característica abre o corpo para o exterior, transformando-o em um corpo poroso, que permite a comunicação do meu corpo e dos outros corpos. A sensorialidade é um investimento que configura a estesia, a capacidade fisiológica, simbólica, histórica, afetiva de impressão dos sentidos.

A percepção das cores é um exemplo significativo da estesia apontado por Merleau-Ponty. “A apreensão das significações se faz pelo corpo: aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal” (Merleau-Ponty, 1945/1994, p. 212).

Como a estesia se realiza? A apreciação de uma obra de Cézanne: *Madame Cézanne em sua poltrona vermelha*, por exemplo, ou mesmo de um poema, de um romance; enfim, a experiência da obra de arte em geral produz significações mais amplas que a definem como um poema, um romance ou uma pintura. A obra de arte também se constitui como um suplemento de sentido, formulado a partir da experiência vivida, e é essa modulação existencial que torna a narrativa ou o quadro significativo para nós.

A estesia do corpo proposta na fenomenologia de Merleau-Ponty apóia-se em uma compreensão sensível da vida e do conhecimento que ultrapassa as dicotomias clássicas e o racionalismo. Essa perspectiva estética amplia as visões científicas sobre a percepção, proporcionando novos caminhos

na fenomenologia de Merleau-Ponty.

Com base na compreensão fenomenológica da percepção advinda do pensamento de Merleau-Ponty, relacionada ao corpo e a sensibilidade estética, fazemos algumas aproximações com as ciências cognitivas contemporâneas.

A percepção como autopoiesis e como enação

Já em sua primeira obra, Merleau-Ponty (1942/1975) apresenta uma revisão sobre as funções aferente e eferente no sistema nervoso. A concepção tradicional considera que o sistema sensorial é formado por fibras aferentes que conduzem o estímulo da periferia para o sistema nervoso central. A partir daí, as fibras eferentes se encarregam de processar as informações e efetuar uma resposta.

Especialmente durante as duas últimas décadas, tem havido diversas tentativas de se tratar o organismo como um sistema dinâmico complexo em íntima conexão com o ambiente. A reflexão de Merleau-Ponty sobre a circularidade existente entre os sistemas aferente e eferente aproxima-se desse esforço contemporâneo em não dicotomizar as partes e o todo, mas em considerar as interconexões que se realizam na ação humana com o meio ambiente, com a cultura e com os processos sócio-históricos.

A teoria *organismo-entorno* baseia-se em trabalhos experimentais de neurofisiologia e psicologia, bem como em considerações filosóficas da formação do conhecimento, para além do racionalismo e do empirismo. A percepção é o processo de juntar partes novas do ambiente ao sistema *organismo-entorno*, porém não se trata de um processamento de informações. Com a ajuda dos receptores eferentes, cada organismo cria seu próprio mundo, simultaneamente objetivo e subjetivo (Jarvileto, 1999).

As células receptoras não têm como função exclusiva a conexão com o sistema nervoso central através das fibras aferentes, mas há também conexões com fibras eferentes. As conexões podem ocorrer de fora para dentro ou no interior do próprio organismo, por meio de sinais elétricos e químicos. As conexões eferentes têm influência nos órgãos sensoriais, o que modifica a maneira como o organismo interpreta os estímulos do ambiente. Isso significa que a percepção não é um processo linear de decodificação de estímulos e sim, preferivelmente, um círculo que envolve o sensorio e o motor não como partes integrantes, mas como uma unidade dinâmica (Jarvileto, 1999).

Essa compreensão da percepção é possível porque os sentidos não são considerados como janelas do conhecimento. Desse modo, embora o estímulo exista como estímulo, ou seja, embora o estímulo impressione os sentidos, oferecendo informações ao organismo, este assume configurações variadas para cada acontecimento; assim, a percepção não apenas decodifica estímulos, linearmente, mas reflete a estrutura do nosso corpo frente ao entorno, em contextos sociais, culturais e afetivos múltiplos.

Além dessa revisão do conceito de sensação e das relações entre os sistemas aferente e eferente, cabe refletir sobre o papel do movimento na percepção. É preciso ampliar a reflexão sobre a função do movimento na teoria da percepção. O movimento

não pode ser compreendido apenas de modo causal, modificando a sensação. O movimento do organismo é a expressão da reorganização do sistema como um todo. É preciso considerar a unidade entre o sensorio e o motor na teoria da percepção.

Desse modo, a percepção seria a cooperação entre os órgãos sensoriais e os músculos, havendo uma sinergia. No entanto, as teorias motoras da percepção, mesmo considerando a sinergia, ainda vêem os sentidos como transmissores de informações do ambiente, não rompendo com a concepção tradicional de sentidos como janelas da alma. É preciso avançar na perspectiva de reconhecer o caráter dinâmico da atividade neural (Jarvileto, 1999).

Estudos neurofisiológicos têm mostrado que a resposta neural não resulta do simples estímulo, mas há diferentes condições de resposta. Há uma circularidade entre os acontecimentos internos e externos e não apenas uma correspondência unívoca, do tipo estímulo-resposta, gerando uma adaptação ao meio. O conhecimento perceptivo não é uma adequação, mas fundamentalmente criação, haja vista a plasticidade do *cérebro-corpo*.

Nessa perspectiva, os estudos sobre o sistema nervoso são esclarecedores. Por exemplo, a proposição de Damásio (1996), segundo a qual o *eu* ou a subjetividade é um estado biológico constantemente reconstituído e não uma entidade imaterial. Não se trata de compreender a mente isolada do organismo (corpo e entorno), mas compreender que a mente emerge do organismo, das interações *cérebro-corpo*.

Essa nova concepção de mente encontra fundamento em revisões dos conceitos clássicos da teoria localizacionista. O localizacionismo, doutrina que se refere à idéia de um mapa cortical rígido, é relativizado. Os estudos atuais sobre o sistema nervoso, especialmente sobre o cérebro, confirmam a especialização do mesmo em determinadas funções mentais, mas, devido à plasticidade do sistema nervoso, a teoria localizacionista torna-se insuficiente, como demonstram Changeux (1991), Damásio (1996), Maturana e Varela (1995).

No diálogo entre as reflexões de Merleau-Ponty e as ciências contemporâneas fazemos uma aproximação com a noção de *autopoiesis* produzida por Maturana e Varela (1995), destacando-se a interação entre o organismo, o meio e a importância do movimento na ação.

A *autopoiesis* refere-se à complexidade do ser vivo, trata-se de um processo recursivo caracterizado pela clausura operacional e pelo acoplamento estrutural. O conceito de clausura operacional não se restringe ao uso habitual de ausência de interação, mas caracteriza uma nova forma de interação mediada pela autonomia do sistema, pela auto-referência (Maturana & Varela, 1995; 1997).

O conceito de clausura mantém uma relação de complementaridade com o conceito de acoplamento estrutural. Assim, há um ponto de referência nas interações (clausura), flexível o suficiente para incorporar os acontecimentos (acoplamento). Trata-se de um jogo dinâmico, complementar, não sendo o determinismo do ambiente, nem o equilíbrio estático que definem as regras da organização da unidade viva. Ao invés de determinismo, o que há é um ponto de referência

nas interações, a saber, a emergência (Maturana & Varela, 1995; 1997).

A emergência inaugura a natureza do fenômeno interpretativo, desde a célula até níveis de maior complexidade, como o corpo em movimento. As modificações no organismo não são determinadas exclusivamente pelo meio externo, conforme o esquema causal estímulo-resposta, mas o próprio organismo, através do movimento, participa da reorganização da estrutura do ser. Nesse sentido, o conceito de emergência é fundamental para compreender o corpo em movimento, relacionando organismo e entorno.

A afirmação de Merleau-Ponty (1942/1975), segundo a qual “o meio se destaca do mundo segundo o ser do organismo, estando claro que um organismo não pode existir, salvo, se encontra no mundo um meio adequado” (p.39), é emblemática dessa aproximação epistemológica. A citação seguinte também confirma essa perspectiva, a saber:

Os movimentos, à medida que se executam, provocam modificações no estado do sistema aferente que, por sua vez, criam novos movimentos. Esse processo dinâmico assegura a regulação flexível de que temos necessidade para dar conta do comportamento efetivo. (p.73)

As citações contêm o princípio básico da teoria da *autopoiesis*, que é a relação recursiva entre os componentes e o sistema, gerando autonomia. Na concepção tradicional, o movimento era “causado” por estímulos vindos do meio ambiente, dentro do esquema estímulo-resposta. Os órgãos dos sentidos e suas fibras aferentes conduziam o estímulo e o sistema motor, com suas fibras eferentes, processava e executava a resposta.

Na perspectiva da *autopoiesis*, a relação entre os sistemas aferente e eferente é modificada, sendo considerada circular e não mais linear. O próprio sistema, isto é, a organização motora, internamente, pode modificar o sistema, gerando diferentes possibilidades de respostas. Não predomina o determinismo do ambiente, mas certa clausura operacional, o que significa que o próprio sistema tem as condições de operar, embora esteja disponível para trocas com o ambiente (acoplamento estrutural).

Considerar o corpo em movimento como um sistema autopoietico é reconhecê-lo como fenômeno que não se reduz à causalidade linear; é considerar ainda que o ser humano não seja um ser determinado, mas uma criação contínua. É, por fim, uma tentativa de abordar a corporeidade não como algo abstrato, é recusar as dicotomias, é ensaiar atitudes complexas para compreender o humano e sua condição de ser corpóreo em incessante movimento, admitindo diferentes interpretações, pautadas na circularidade ou recursividade dos fenômenos.

A lógica recursiva é próxima à noção de reversibilidade dos sentidos em Merleau-Ponty, referindo-se à comunicação entre os sentidos, o que permite diferentes possibilidades para a percepção. A reversibilidade diz respeito à comunicação entre os diferentes sentidos, como a apalpação pelo olhar, o tato como visão pelas mãos, sempre relacionada à motricidade, a essa capacidade de se pôr em movimento.

Esta noção é fundamental para compreender a dinâmica do corpo em movimento, o movimentar-se, destacando-se a comunicação entre os sentidos. É importante esclarecer a importância epistemológica da noção de reversibilidade dos sentidos na obra de Merleau-Ponty, pois, não se trata mais de atribuir um espaço ordenador à consciência, mas de compreender a circularidade entre processos corporais e estados neuronais, entre corpo e mente, possibilitada pela comunicação entre os sentidos. A reversibilidade coloca o corpo, não como suporte de uma consciência cognoscente, sempre referendada por um sujeito, mas apresenta-o na experiência do movimento.

As reflexões de Merleau-Ponty apontam para aspectos importantes do estudo da percepção, que hoje são retomados pelos estudos das biociências, ciências cognitivas e inteligência artificial, em especial nos estudos de Varela, Thompson e Rosch (1996), tais como: a percepção emerge da motricidade; o sistema nervoso central tem por função a condução do impulso e não a elaboração do pensamento; a relação circular entre o organismo e o meio, admitindo fenômenos transversais e considerando não apenas os componentes físico-químicos, mas a organização dos elementos. Sobre esse último aspecto, Merleau-Ponty (1942/1975) afirma:

O estímulo adequado não pode se definir em si e independente do organismo; não é uma realidade física, é uma realidade fisiológica ou biológica. O que desencadeia necessariamente certa resposta reflexa, não é um agente físico-químico, é certa forma de excitação da qual o agente físico-químico é a ocasião antes que a causa. (p. 57)

A atitude fenomenológica de corpo de Merleau-Ponty abriu perspectivas para os estudos contemporâneos, assim como esses estudos atualizam os dados científicos sobre os quais Merleau-Ponty se apoiara em suas reflexões. As Ciências Cognitivas buscam, na filosofia de Merleau-Ponty, o corpo vivido, a experiência, a percepção, a motricidade, retomada como base para a compreensão da inscrição corporal do conhecimento nas teorias sobre aprendizagem. Varela et al (1996) apontam o começo de uma nova ciência bio-fenomenológica, referindo-se ao pensamento de Merleau-Ponty, ao relacionar cognição e experiência vivida no acontecer corporal do conhecimento. Em outras palavras, a cognição depende da experiência que acontece na ação corporal, vinculada às capacidades de movimento, opondo-se à compreensão de cognição enquanto um processamento de informações.

Para Merleau-Ponty (1964/1992), a percepção é uma porta aberta a vários horizontes; porém, é uma porta giratória, de modo que, quando uma face se mostra, a outra se torna invisível. Cada sentido se exerce em nome das demais possibilidades. Sob o meu olhar atual surgem as significações. Mas, o que garante a relação entre o que vejo e o significado, entre o dado e o evocado? Essa relação é arbitrária, depende das intenções do momento, de dados culturais, de experiências anteriores e do movimento.

Para uma fenomenologia do conhecimento

Dreyfus (1996), pesquisador do campo das Ciências Cognitivas, aborda a relevância da compreensão fenomenológica

do corpo construída por Merleau-Ponty para o *embodied mind*, traduzido por incorporação ou inscrição corporal do conhecimento. O referido autor retoma noções fenomenológicas como o hábito motor, o arco intencional e a relação do corpo com a cultura, como necessárias para superar a representação mentalista que, por muito tempo, caracterizou os processos cognitivos.

Merleau-Ponty também é retomado na análise histórico-social de Crossley (1996), quando aponta as relações entre o corpo-sujeito de Merleau-Ponty e o corpo-poder de Foucault, destacando a crítica de ambos às noções tradicionais da filosofia, como, por exemplo, o corpo-objeto, bem como o enfoque dos filósofos sobre as condutas históricas. Para este autor, Merleau-Ponty identifica o social na relação das ações corporais com a produção de significados, que não é resultado de uma consciência transcendental ou constituinte, mas do engajamento do corpo-sujeito, via motricidade.

O biólogo Francisco Varela considera suas teses sobre a cognição como uma continuação da pesquisa filosófica francesa, particularmente os estudos de Merleau-Ponty, contemplados no contexto atual das ciências cognitivas. Estas conservam de Merleau-Ponty a exigência científica cultural do ocidente ao considerar nossos corpos como uma estrutura viva e experiencial, em que o interno e o externo, o biológico e o fenomenológico se comunicam.

Especialmente nos estudos da percepção apresentados por Merleau-Ponty, há uma aproximação com a pesquisa científica atual da cognição, no sentido de que a experiência humana é, culturalmente, incorporada. Maturana e Varela (1995) colocam em cena a crítica ao conceito mentalista de representação, enfatizando-se a compreensão interpretativa do conhecimento a partir da percepção e do movimento, a saber:

Percepção e pensamento são o mesmo no sistema nervoso; por isso não tem sentido falar de espírito versus matéria, ou idéias versus corpo: todas essas dimensões da experiência são o mesmo no sistema nervoso; noutras palavras, são operacionalmente indiferenciáveis. (pp. 43-44)

Os estudos da percepção têm contribuído para ampliar a compreensão de cognição, no sentido de tornar mais claro como se realiza o fenômeno conhecer. A *enação* desloca o papel da representação ao considerar que o conhecimento é incorporado, isto é, refere-se ao fato de sermos corpo, com uma infinidade de possibilidades sensório-motoras, e estarmos imersos em contextos múltiplos. O termo *enação* inspira-se no neologismo criado por Varela et al (1996), do espanhol *enacción* e do inglês *enaction*. A expressão foi traduzida por Assmann (1996) como “fazer emergir” e diz respeito à compreensão da cognição defendida pelos referidos autores. A cognição emerge da corporeidade, da experiência vivida e da capacidade de se movimentar do ser humano.

A *enação* enfatiza a dimensão existencial do conhecer, emergindo da corporeidade. A cognição depende da experiência que acontece na ação corporal. Essa ação vincula-se às capacidades sensório-motoras, envolvidas no contexto afetivo, social, histórico, cultural. O termo significa que os processos sensoriomotores, percepção e ação, são essencialmente

inseparáveis da cognição.

Francisco Varela e seus colaboradores destacam as contribuições de Merleau-Ponty sobre o estudo da percepção e do movimento e as considerações sobre a interdependência entre o organismo e o ambiente, compreendida na circularidade, para definir a lógica circular dos fenômenos cognitivos (Varela et al, 1996).

A cognição é inseparável do corpo, sendo uma interpretação que emerge da relação entre o eu e o mundo, nas capacidades do entendimento. “Essas capacidades são originadas na estrutura biológica do corpo, experienciadas no domínio consensual e ações da história e da cultura” (Varela et al, 1996, p. 149). A mente não é uma entidade *des-situada*, desencarnada ou um computador; a mente também não está em alguma parte do corpo, ela é o próprio corpo. Essa unidade implica que as tradicionais concepções representacionistas enganam-se ao colocar a mente como uma entidade interior. O pensamento é insuficiente e a estrutura mental é inseparável da estrutura do corpo.

Para compreender o sentido da *enação*, é preciso compreender o aspecto recursivo que o envolve. O princípio da recursividade refere-se a processos em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu, posto que efeitos e produtos são necessários nos processos que os geram. Na lógica recursiva, supera-se o limite da linearidade, segundo o qual tal causa produz tal efeito. Não se trata mais do olhar externo que transforma as coisas em objetos, em busca da explicação causal linear; trata-se de olhar não mais sobre o objeto isoladamente, mas sim, sobre o sistema como objeto de investigação.

Uma característica importante da lógica recursiva é a auto-referencialidade. A auto-referencialidade favorece a autonomia do sistema vivo, pois rompe com o determinismo do meio ambiente, gerando um outro tipo de relação: uma relação recursiva que garante a dinâmica das interações entre o todo e as partes, gerando autonomia, como expresso na *autopoiesis* (Maturana & Varela, 1995).

Quando nos movimentamos, há uma circularidade entre os acontecimentos do meio ambiente e os acontecimentos no próprio corpo, ocorrendo aprendizagem, ou seja, uma nova interpretação desses acontecimentos. De certa forma, esses movimentos tornam-se “automáticos”, ou seja, tão logo os tenhamos aprendido, não precisamos mais “pensar sobre eles” para os executarmos.

O corpo sabe! No entanto, não podemos realizar dois movimentos idênticos, pois, mesmo sem nos darmos conta, o nosso corpo e sua estrutura perceptiva (sensório-motora) estão o tempo todo se reorganizando ou se auto-organizando, gerando sempre novas interpretações para o movimento, novas emergências, micro processos. No macro, aos olhos do observador, parece não haver novidades, mas no micro há sempre novas emergências, tudo se renova constantemente.

Ação e pensamento não são fenômenos que ocorrem separadamente; senão vejamos o exemplo dado por Merleau-Ponty (1968), em uma de suas aulas na *Sorbonne*:

Trata-se do jogo de tênis ou de qualquer outro esporte, é preciso levar em consideração uma quantidade de dados: vento,

velocidade da bola, posição do adversário, natureza do campo, momento da partida. O corpo faz prova de inteligência diante das situações inteiramente novas, o gesto resolve um problema que não foi colocado pela inteligência e cujos elementos são infinitamente numerosos. (p. 266)

O exemplo acima demonstra que sentir e compreender constituem-se em um mesmo ato de significação, possíveis pela nossa condição corpórea e pelo acontecimento do gesto, cuja estesia inaugura a possibilidade de uma racionalidade que emerge do corpo e de seus sentidos biológicos, afetivos, sociais, históricos. Essa compreensão é significativa para redimensionar o fenômeno do conhecimento, relacionando-o à experiência vivida, ao corpo e aos sentidos.

Considerações finais

Quais as conseqüências desse ponto de vista da percepção para o pensamento e para o conhecimento? O conhecimento não se deixa apreender pela perspectiva reducionista da inteligência, emergindo dos processos corporais. No movimento dos corpos, podemos fazer a leitura, com lentes sensíveis dos aspectos visíveis e invisíveis do *Ser*, do conhecimento e da cultura. As significações que surgem, o sentido, são, em última instância, significações vividas e não da ordem do eu penso.

Nesse sentido, podemos afirmar que o conhecimento é co-extensivo ao mundo e não podemos substituir o ato de ver pelo pensamento de ver. Aquilo a que chamamos *idéia* está necessariamente ligado a um ato de expressão, é um objeto da cultura, um meio de expressão e de comunicação e, portanto, uma produção da subjetividade.

Para compreender o sentido da subjetividade em Merleau-Ponty precisamos compreender também a noção de liberdade, posto que o mundo existe independente de nossas formulações individuais sobre os fatos, os acontecimentos. Mas, sob um segundo aspecto, o mundo não está inteiramente constituído, depende de nossas ações individuais e coletivas. Para Merleau-Ponty a liberdade é sempre o encontro do nosso ser interior com o exterior e as escolhas que fazemos têm sempre lugar sobre as situações dadas e possibilidades abertas. Somos, ao mesmo tempo, uma estrutura psicológica e histórica, um entrelaçamento do tempo natural, do tempo afetivo e do tempo histórico.

O sentido das nossas escolhas contribui para a subjetividade. Os gostos pessoais, as preferências, as rejeições, os desejos, vão sendo configurados por meio dessa estrutura subjetiva na qual correlacionamos o tempo, o corpo, o mundo, as coisas e os outros. O campo da subjetividade encontra-se recortado pela historicidade, pelos objetos da cultura, pelas relações sociais, tensões, contradições, paradoxos, afetos. Dessa maneira, a leitura de um livro, a apreciação de uma obra de arte, o discurso de um determinado político, filósofo ou cientista, a paixão por alguém, todas essas experiências mobilizam sentidos que foram construídos nesse campo subjetivo e apresentam-se como maneiras de subjetivação específicas da cultura contemporânea e da educação como um processo de aprendizagem dessa mesma cultura.

A dimensão expressiva do corpo é enfatizada por Merleau-

Ponty como comunicação da realidade sensível, dimensão poética da corporeidade comunicada por meio do gesto. Por meio do logos sensível, estético, coloca-se a experiência perceptiva como campo de possibilidades para o conhecimento, investido de plasticidade e beleza de formas, texturas, sabores, odores, cores e sons. O corpo e o conhecimento sensível são compreendidos como obra de arte, aberta e inacabada.

A experiência vivida é habitada por esse sentido estético presente na corporeidade, compreendida como campo de possibilidades para nos aprofundarmos nos acontecimentos, retomando sentidos e significados da linguagem e do conhecimento. A experiência do corpo configura uma comunicação gestual destinada, no ato perceptivo, aos sentidos atribuídos pelo espectador.

A experiência do corpo configura um conhecimento sensível sobre o mundo expresso, emblematicamente, pela estesia dos gestos, das relações amorosas, dos afetos, da palavra dita e da linguagem poética, entre outras possibilidades da experiência existencial. A estesia é uma comunicação marcada pelos sentidos que a sensorialidade e a historicidade criam, numa síntese sempre provisória, numa dialética existencial que move um corpo humano em direção a outro.

A experiência estética amplia a operação expressiva do corpo e a percepção, afinando os sentidos, aguçando a sensibilidade, elaborando a linguagem, a expressão e a comunicação. Considerando o pensamento de sua época, os primeiros cinquenta anos do século XX, Merleau-Ponty diz que o mundo sensível e o mundo da expressão afetam o ser e a subjetividade, mas o ser humano ainda é definido pelo seu poder de atribuir significados, apelando-se à consciência. Para o filósofo, o caminho do mundo sensível ao mundo da expressão caracteriza-se como uma trajetória perceptiva, na qual a motricidade e as funções simbólicas não estão separadas pelo entendimento, mas entrelaçadas na reversibilidade dos sentidos, na dimensão estética.

A fenomenologia de Merleau-Ponty continua desafiadora, no sentido de concretizarmos a perspectiva da sensibilidade e da corporeidade. Nesse pensamento, percebemos uma atitude que convida a uma convivência poética com o corpo, por meio do logos estético; convida a uma abertura ao mundo e às configurações desenhadas pelas experiências dos sujeitos. Convida ao enlace com a cor, forma, sonoridade, texturas, sabores, aromas, olhares e imagens do mundo e dos outros corpos, por meio de um mergulho no sensível que nos permite perceber a profundidade do encontro e dos acontecimentos. Convida a tomar parte na história e na cultura por meio da experiência dos sujeitos e dos sentidos que podemos atribuir a essas experiências.

O mundo fenomenológico é o mundo dos sentidos e a filosofia coloca-se como realização não da verdade, mas de possibilidades de verdades. Nesse sentido, a filosofia da percepção anunciada por Merleau-Ponty desdobra diante de nós a tarefa de compreender o corpo como sensível exemplar na construção de saberes e na produção de subjetividades.

Em nossa compreensão, a abordagem fenomenológica apresenta-se como uma paisagem epistêmica capaz de

articular condições sócio-históricas, subjetivas e cognitivas, caminhos investigativos, novos modos de compreensão para o conhecimento. As noções apresentadas configuram uma epistemologia da qual se depreende um conceito de racionalidade em que as perspectivas se confrontam, as percepções se confirmam, sentidos aparecem. Os sentidos apresentados podem contribuir para o debate em torno de uma fenomenologia do conhecimento que considere a condição corpórea e sensível do ser humano; bem como o diálogo entre filosofia, arte, ciência e outros saberes da cultura.

Referências

- Assman, H. (1996). *Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática*. Piracicaba: Editora da Unimep.
- Becks-Malorny, U. (2001). *Cézanne* (F. Tomaz, Trad.). Berlim: Taschen.
- Changeux, J-P. (1991). *O Homem neuronal* (A. P. Monteiro, Trad.) Lisboa: Dom Quixote.
- Crossley, N. (1996). Body-subject / body-power: agency, inscription and control in Foucault and Merleau-Ponty. *Body & Society*, 2(2), 99-116.
- Damásio, A. (1996). *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. (D. Vicente e G. Segurado, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Dreyfus, H. (1996). *The current relevance of Merleau-Ponty's phenomenology of embodiment*. Obtido em 26 de julho de 2008, de ejap.louisiana.edu/EJAP/1996.spring/dreyfus.1996.spring.html.
- Jarvilehto, T. (1999). The theory of the organism-entom system III: role of efferent influences on receptors in the formation of knowledge. *Integrative Physiological and Behavior Science*, 34(2), 90-110. Obtido em 20 de março de 2007, de <http://www.edu.oulu.fi/homepage/tjarvile/organv3.pdf>.
- Maturana, H., & Varela, F. (1995). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Editorial Psy II.
- Maturana, H., & Varela, F. (1997). *De máquinas e seres vivos: autopoiesi – a organização do vivo* (J. A. Llores, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Merleau-Ponty, M. (1968). *Résumés de cours. Collège de France 1952-1960*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1975). *A estrutura do comportamento* (J. Corrêa, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Texto original publicado em 1942)
- Merleau-Ponty, M. (1991). *Signos* (M. Pereira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1960)
- Merleau-Ponty, M. (1992). *O visível e o invisível* (A. Gianotti, & A. Mora, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Texto original publicado em 1964)
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção* (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945)
- Merleau-Ponty, M. (2000). *A natureza* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2002). *A prosa do mundo* (P. Neves, Trad.). São Paulo: Cosac & Naify. (Texto original publicado em 1969)
- Merleau-Ponty, M. (2004). *A dívida de Cézanne* (P. Neves; M. Pereira, Trad.). São Paulo: Cosac & Naify. (Texto original publicado em 1966)
- Merleau-Ponty, M. (2004). *Conversas – 1948* (F. Landa e E. Landa, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1948)
- Varela, F., Thompson, E., & Rosch, E. (1996). *Embodied mind: cognitive science and human experience*. Londres: The MIT Press.

Terezinha Petrucia da Nóbrega, doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), é professora associada I no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento. Endereço para correspondência: Av. Caiapós, 3005, Bloco Ravena, ap. 202 (Pitimbu); Natal, RN; CEP 59067-400. Tel.: (84) 3086-6589 / 9981-9269 / 3215-3451. E-mail: pnobrega@ufrnet.br